

AMÉRICA LATINA: AS COISAS PARA ALÉM DELAS MESMAS

Maria Luiza Calim de Carvalho Costa¹

Abstract — *If Plato compared the artist's work a reflection of the things, the contemporary art transcends the projection of things beyond themselves by creating unusual pictures, requiring the reader a posture of meanings` digger to establish the signification. Our object is the mestizo, hybrid and heterogeneous Latin America presented by sensitive eyes of art. We chose the route of ambiguous and poetic language of art, selected three works of Brazilian artist Regina Silveira since the last two decades has sought to un/construction of the image from the shadow, reflection, anamorphic projections, which offers unusual images, poetic visual paradoxes. Art as a mirror labyrinth where the reader/viewer as a wanderer without contemporary "gps" to select territories where will step from a map that he will have to build*

Index Terms — *Latin America, contemporary art Regina Silveira, visual paradoxes.*

INTRODUÇÃO

Se Platão comparou o trabalho do artista a um reflexo das coisas, a arte contemporânea transcende a projeção das coisas para além delas mesmas ao criar imagens insólitas, inusitadas, que exigem do leitor uma postura de escavador de significações para conseguir instaurar o sentido.

Obras de artistas latino-americanos compõem o corpus de uma pesquisa que temos realizado desde 2010 intitulada "Sulear: Incursões Visuais Latino-Americanas" cujo objetivo é pensar como as imagens modernas e contemporâneas são construídas, nas artes visuais- e sua relação também com a produção literária- , como formas constitutivas de culturas híbridas, sincréticas, mestiças latino-americanas e como as produções brasileiras, inseridas nesse contexto, dialogam com as produções de seus vizinhos.

Para esse artigo, recortamos da pesquisa três obras da artista brasileira Regina Silveira que desde as duas últimas décadas vem buscando a des/construção da imagem a partir da sombra, do reflexo, de projeções em anamorfose, onde propõe imagens insólitas, paradoxos poéticos visuais. As obras escolhidas são "Paradoxo do Santo" (1994), "Monudentro"(1987) e "To Be Continued... (Latin American Puzzle)" (1998), todas elas sob o refinamento da ironia e da alusão trazem camadas de significação, transformam as percepções, ou seja, propõem outra possibilidade de aproximação ao objeto.

Nosso objeto é a América Latina mestiça, híbrida e heterogenia - no que tange nosso desenvolvimento econômico, e acessibilidade aos bens de consumo onde centros de excelência tecnológica avizinham-se à miséria e exclusão- apresentada pelos olhos sensíveis da arte.

Pensar como nossos modos de vida e modos de ver estão sendo reorganizados sob a forma de consumo através da difusão transcultural nesse contexto de globalização.

PARADOXO DA AMÉRICA LATINA

O termo "América Latina" foi cunhado no século XIX, segundo Chasteen, [1] por volta de 1860, o imperador francês Napoleão III buscava ampliar sua influência no México e para isso buscou construir uma identificação entre os dois países a partir do que havia em comum entre eles: a origem latina de seus idiomas. O francês, o espanhol e o português têm como matriz lingüística o latim, desse modo a influência francesa buscava uma aproximação ao mesmo tempo que esse discurso buscava afastar o imperialismo britânico de origem anglo-saxônica.

Entender, portanto, a América Latina implica em saber que unidos por uma matriz lingüística do colonizador não nos configura em uma unidade. A América Latina é diversa, múltipla, o lugar do híbrido, do sincretismo e da mistura de raças e línguas - a nomenclatura "latina" ignora as línguas indígenas locais e a matriz africana!

Laboratório da modernidade e da pós-modernidade, caos prodigioso de duplos e de "replicantes" culturais, gigantesco "entrepoto de resíduos" onde se amontoam as imagens e as memórias mutiladas de três continentes- Europa, África, América-, onde se fixam projetos e ficções mais autênticos que a história, a América Latina esconde em seu passado todo o necessário para melhor enfrentar o mundo pós-moderno em que nos engolfamos. (GRUZINSKI, 2006, p.303)

Para se entender o grau de complexidade dessa América Latina hoje, Canclini [1] esclarece precisamos pensar que ela não se limita a um território geo-político determinado. Segundo o autor: "A América Latina não está completa na América Latina. Sua imagem é devolvida por espelhos dispersos no arquipélago das migrações" (CANCLINI, 2008, p. 25).

A questão das coexistências e tensões entre o que nos unifica e nos segmenta não é nova. Contudo,

¹ Maria Luiza Calim de Carvalho Costa, Professora Doutora- Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação- Unesp- Universidade Estadual Paulista, Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, 17043-00, SP, Brasil, marialuiza@faac.unesp.br

em sociedades que interagem com a intensidade de hoje facilitada por viagens e comunicações eletrônicas, essa multidiversidade, mais complexa, exige que se fale de outro modo sobre o que nos pode agrupar (CANCLINI, 2008, p. 31).

Se antes identidade significava ser parte de uma nação, espacialmente delimitada onde língua e costumes são compartilhados por todos e construiria a diferença entre outros lugares e cultura, agora em um mundo globalizado a questão ganha complexidade a medida em que as interações transnacionais constroem outros territórios de identificação. "Os mapas simbólicos se modificam, embora as fronteiras geopolíticas persistam"... (CANCLINI, 2008, p. 47).

A Bienal do Mercosul vem pensando nessa questão dos mapas simbólicos como pudemos ver nessa última edição do evento, a 8a Bienal do Mercosul: Ensaio de Geopoética realizada de 10/09 a 15/11/2011 na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

A mostra central no Cais do Porto examina a criação de entidades transterritoriais e supraestatais que colocam em jogo a noção de nacionalidade. Essas construções político-econômicas contrastam com as noções de Nação estabelecidas há séculos na conformação dos países americanos após as lutas por independência. (José Roca, curador geral da 8a Bienal do Mercosul: Ensaio de Geopoética) [3].

Que cartografia é essa que se redesenha? Como pensar nesses mapas simbólicos diante de uma América Latina diversa, mas que enfrenta o assédio insistente da contemporaneidade globalizada?

Canclini [1] propõe que busquemos refletir sobre a reorganização dos mercados musicais, televisivos e cinematográficos que "reestrutura os estilos de vida e desagrega imaginários comuns" (CANCLINI, 2008, p. 34).

Nessa pesquisa, elegemos o percurso da linguagem ambígua e poética da arte. A arte como labirinto especular onde o leitor/espectador contemporâneo como um errante sem "GPS" - *Global Positioning System* - escolhe os territórios onde pisará a partir de um mapa que ele mesmo terá que construir.

REGINA SILVEIRA: UMA CARTOGRAFIA PARADOXAL PARA AMÉRICA LATINA

" Pensar a cena artística, cultural, econômica, política e social da América Latina como um todo é não ter qualquer percepção das imensas diferenças de nossas histórias, arte e cultura incluídas."
Regina Silveira [7]

A artista brasileira, nascida no Rio Grande do Sul em 1939, Regina Silveira propõe com sua obra "Paradoxo do Santo" uma leitura crítica de um monumento da cidade de São Paulo.

O monumento em questão é uma homenagem ao Duque de Caxias - uma estatua equestre em bronze patinado sobre um pedestal de granito, onde diversos momentos da vida do herói militar brasileiro é representado. O escultor Victor Brecheret, que após um concurso internacional de maquetes realizado em 1941, onde concorreram 30 artistas, venceu o concurso e finalizou a obra em 1960. O monumento a Duque de Caxias exalta a vida do herói militar brasileiro que comandou as tropas brasileiras na controvertida Guerra do Paraguai, na segunda metade do século passado.

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional que ocorreu na América do Sul. Os países que compunham a Tríplice Aliança- Brasil, Argentina e Uruguai- lutaram contra o Paraguai no período de dezembro 1864 a março de 1870.

Situado na Praça Princesa Isabel, na cidade de São Paulo, essa obra de Brecheret - o monumento em homenagem ao patrono do exército brasileiro - remete às obras equestres da Roma Antiga onde o discurso persuasivo e imponente da estatuária na urbe ratifica a força dos poderosos.



MONUMENTO A DUQUE DE CAXIAS 1941/60
VICTOR BRECHERET 1894-1955
BRONZE PATINADO E GRANITO, 158,8 X 410 X 132 CM
PRAÇA PRINCESA ISABEL, SÃO PAULO, BRASIL

Regina Silveira expôs sua obra intitulada "Paradoxo do Santo" em 1994 no Museo del Barrio de Nova Iorque, utilizou para a instalação uma pequena imagem de São Tiago pertencente ao acervo desse museu de arte e cultura latino-americana e contrapôs com sombra projetada da obra de Brecheret- o monumento ao Duque de Caxias. A instalação gera um estranhamento pois a enorme sombra que se projeta não é a do objeto que lá está... O patrono do exército brasileiro projeta-se a partir da pequena imagem de madeira de São Tiago patrono militar da Espanha.

São Tiago, segundo a lenda, teria aparecido em vários combates da Reconquista Cristã na Espanha contra o domínio dos mouros - período entre os anos de 711 a 1492-, cavalcando à frente da batalha num cavalo branco. Desse modo, seguindo o cavalo branco de "Santiago Matamoros" os espanhóis expulsaram os mouros de seus territórios. O

culto ao apóstolo tornou-se o foco espiritual e o símbolo da Reconquista.

Ao aproximar a estátua de São Tiago a estátua de Caxias Regina Silveira propõe uma reflexão sobre como religião e militarismo compõem a história e o imaginário latino-americanos. A artista fala sobre a obra por ocasião de sua exibição no Museo del Barrio:

A diferença entre o objeto e sua sombra, apresentado como um paradoxo visual e conceitual, é um comentário sobre a História e a tradição. Ao justapor o Santo ao General eu pretendi criar um correspondente sintético das relações e afinidades entre religião, militarismo e poder que historicamente têm apoiado as lutas de dominação na América Latina. [4]

A partir da justaposição de dois signos diferentes Regina Silveira propõe uma reflexão sobre a história da América Latina sob o viés da dominação. A espada empunhada para cima pelo duque de Caxias na obra de Brecheret e para frente como a estátua de Santiago Matamoros se constitui no símbolo da dominação tanto no âmbito militar/político quanto no cultural/religioso.



THE SAINT'S PARADOX, 1994
REGINA SILVEIRA 1939-
PINTURA SOBRE PAREDE, 4 X 18 M, APROX.
MUSEO DEL BARRIO, NOVA YORK
FOTO: LILA SCHWAI, 1994

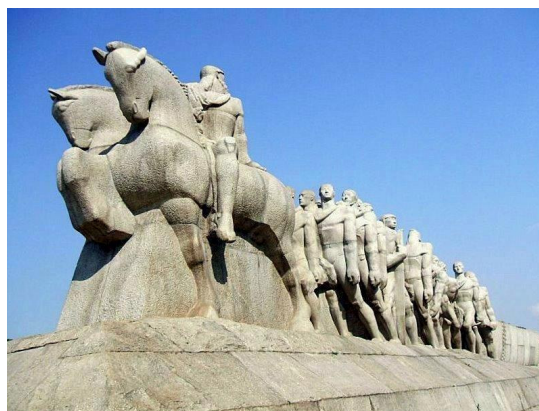
Atualmente a obra pertence ao acervo do Museu de Arte Contemporânea MAC/USP São Paulo, após doação da artista. Para ser remontada foi necessário uma adaptação ao espaço do museu ganhando a obra outra dimensionalidade 380 x 689 x 482 cm e também com outra materialidade: madeira pintada e placas de poliestireno.

Ambigüidades visuais, metamorfoses e paradoxos caracterizam a obra da Regina Silveira nas últimas décadas. A artista tem investigado as relações dos objetos com o espaço e os modos de representação visual que a herança cultural do ocidente nos legou: a perspectiva. Através das distorções de perspectiva onde esticar, dobrar imagens e espaços possibilitam um olhar novo, desconectado da mesmice do reconhecimento.

Em meu trabalho, o objetivo das distorções topológicas nunca é a busca pela visão corrigida, como acontece nas anamorfoses ao longo da História da Arte. O objetivo é o próprio "estranhamento", manifestado como conceito e como um paradoxo perceptivo, uma ruptura, uma descontinuidade ou uma descontextualização [5].

Outro monumento da cidade de São Paulo inspira a artista na criação de uma instalação: o Monumento às Bandeiras, também do escultor Vitor Brecheret, instalado na Praça Armando Salles de Oliveira no Ibirapuera. O monumento foi inaugurado em 25 de janeiro de 1953, durante as comemorações do 399º aniversário da cidade. Com 12 metros de altura, 50 de extensão e 15 de largura, representa uma expedição bandeirante onde são representados dois homens a cavalo: o chefe português e o guia índio. Logo atrás um grupo formado por índios com cruz no pescoço - esclarecendo que são índios catequizados-, negros, portugueses e mamelucos puxa uma canoa das monções. A obra foi instalada no eixo sudeste-noroeste, o mesmo sentido de entrada dos bandeirantes pelo interior.

Na frente do monumento, um mapa de Afonso Taunay, esculpido no granito, mostra o roteiro das expedições com os nomes de alguns bandeirantes famosos, entre eles Fernão Dias, Anhangüera, Borba Gato e Raposo Tavares e versos dos poetas Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo lembram as bandeiras em placas nas laterais da escultura.



MONUMENTO ÀS BANDEIRAS, 1953
VICTOR BRECHERET 1894-1955
GRANITO, 12 X 50 X 15 M
IBIRAPUERA, SÃO PAULO, BRASIL

A obra "Monudentro" é uma instalação onde a sombra projetada o Monumento às bandeiras é colocado na parede ao lado de uma escada oferecendo ao público uma experiência corporal e cinestésica. Através da sombra projetada e distorcida o monumento é evocado à memória. Essa obra de Regina Silveira leva a pensar sobre o processo de ocupação do interior paulista ao deslocar o monumento próprio para um espaço aberto da cidade e colocá-lo dentro de um espaço interior, sugere as "entradas" dos bandeirantes ao interior paulista. As silhuetas fantasmagóricas dos

bandeirantes nas paredes do museu condensam arte e política.



MONUDENTRO, 1987
EXPOSIÇÃO COLETIVA "A TRAMA DO GOSTO"
REGINA SILVEIRA 1939-
RECORTE DE VINIL ADESIVO E IMPRESSÃO
POR PLOTTER
FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

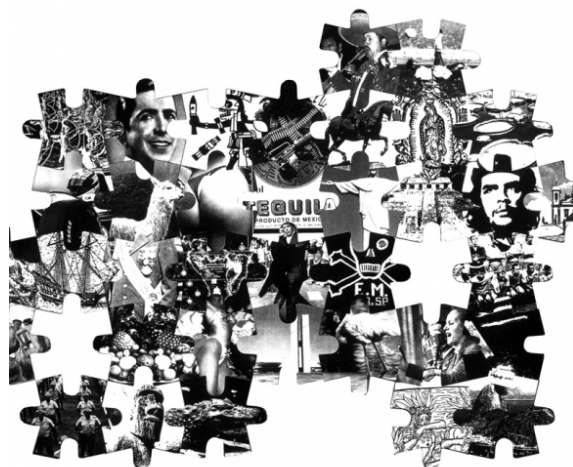
Ambas as obras "Paradoxo do Santo" e "Monudentro" inspiradas em monumentos conhecidos da cidade de São Paulo propõem ao cidadão um novo olhar aos monumentos que de tão incorporados à cena da cidade são vistos com olhos apressados e irrefletidos do dia-a-dia. Ao recortar suas silhuetas e criar cenas inusitadas com os desvios poéticos/estéticos e políticos novos sentidos se estabelecem.

Recentemente, artista participou da 8ª Bienal do Mercosul: Ensaio de Geopoética com a obra intitulada "To Be Continued...(Latin American Puzzle)" composta 110 com peças medindo 40 X 50 cm que formam um quebra-cabeça gigante. Cada uma dessas peças trazem imagens que correspondem a estereótipos da América Latina como: os animais andinos, as frutas tropicais, bebida como a tequila, as guerrilhas revolucionárias, Che Guevara, os mariachis, Carmem Miranda, a bunda da mulher brasileira, as culturas indígenas pré-colombianas, as igrejas coloniais, a Virgem de Guadalupe, Carlos Gardel, os monumentos equestres dos precursores da Independência, militares, , etc. O quebra-cabeça não configura uma imagem global e com isso denuncia o olhar estereotipado com que a América Latina é vista.

Em entrevista a Tomasz Zauski, Regina Silveira fala desta obra:

Em 1997 fiz uma obra sobre a América Latina, o Quebra Cabeça da América Latina (Continua)...que é um comentário irônico sobre o conhecimento da América Latina, o que se sabe ou não se sabe dela. Uma espécie de peça "turística", um comentário sobre a visão da América Latina desde fora, mas também desde dentro, pois mesmo vizinhos, nos conhecemos mal dentro deste continente. Meu quebra-cabeças esta formado por mais de uma

centena de ícones estereotipados da América Latina, presentes como fragmentos de imagens em preto e branco. A iconografia é vasta e poderia continuar indefinidamente: de mariachis a futebol, Carlos Gardel a guerrilheiros, de índios antropófagos a militares, lhamas e Pão de Açúcar, Carnaval e Macchu Picchu, tango- e muito mais. Saiu de enciclopédias, guias turísticos, coffee table books de embaixadas, gravuras históricas de viajantes, revistas, livros, e jornais e tudo que pude juntar e aplicar, em verdadeira operação de "rapina" de imagens. Diverso dos quebra-cabeças normais, em que as peças vão formando figuras maiores e coerentes, no meu trabalho isto nunca acontece. Nenhuma peça tem continuidade, as junções misturam fragmentos de geografias e histórias, tempos e espaços distintos, imagens ficcionais e documentos, para formar apenas narrativas misturadas, totalmente arbitrárias e abertas. [7]



TO BE CONTINUED... (LATIN AMERICAN PUZZLE) 1998.
REGINA SILVEIRA 1939-
VINIL ADESIVO SOBRE ESPUMA. 40 X 50 CM, 110 PEÇAS.
8ª BIENAL DO MERCOSUL: ENSAIOS DE GEOPOÉTICA
2011 PORTO ALEGRE, BRASIL.

Esta narrativa caótica onde diferentes geografias épocas e culturas revela a dificuldade de se configurar uma imagem que traduza a complexidade de América Latina.

A obra propõe ao leitor uma reflexão sobre o que somos, ou que imagens tem sido ao longo da história construídas por e sobre nós mesmos. A América Latina conhece a América Latina? O título sugere um quebra-cabeça em constante formação.

A obra de Regina Silveira através de paradoxos estéticos e conceituais nos desconecta do olhar automatizado e superficial e propõe, tal como o tema da última Bienal do Mercosul, que façamos "ensaio de geopoética" ao pensar a América Latina a partir de mapas simbólicos construindo uma nova cartografia: a arte contemporânea transcendendo a projeção das coisas para além delas mesmas.

REFERÊNCIAS

- [1] CANCLINI, Néstor García. *Latino-americanos à procura de um Lugar neste Século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- [2] CHASTEEN, John C. *Born in Blood and Fire: A Concise History of Latin America* 2nd Ed. Norton, 2006.
- [3] GRUZINSKI, Serge. *A Guerra das Imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*, trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- [3] ROCA, José. In *Componentes/ Geopoéticas*. Disponível em: <http://bienalmercosul.art.br/componentes/6>
- [4] SILVEIRA, REGINA. Disponível em <http://www2.uol.com.br/reginasilveira/15.htm>
- [5] SILVEIRA, REGINA. In *Armadilhas do espaço*. Disponível em http://www2.uol.com.br/reginasilveira/bio_3.htm
- [6] SILVEIRA, REGINA. Disponível em <http://www.bienalmercosul.art.br/artista/261>
- [7] SILVEIRA, REGINA. *Marks of the Real, Marks of the Phantasmagorical*. Tomasz Zauski entrevista Regina Silveira. Disponível em <http://www.reginasilveira.com/abyssal.php>